

O APAGAMENTO DAS VOGAIS  
POSTÔNICAS NÃO-FINAIS NA FALA DO  
RIO DE JANEIRO:  
UMA INVESTIGAÇÃO  
GEO-SOCIOLINGUÍSTICA

Danielle Kely Gomes

(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

## 0. Apresentação

Dentre as classes acentuais em Português, as proparoxítonas compõem o conjunto com o menor número de elementos e apresentam um comportamento bastante peculiar. Tal comportamento peculiar está diretamente relacionado ao processo de síncope, isto é, o enfraquecimento e, conseqüentemente, a supressão da vogal postônica não-final ou da própria sílaba em que a vogal está inserida. O apagamento das vogais átonas não-finais é um processo bastante comum nas diversas variedades da língua portuguesa e acarreta, por conseqüência, a regularização do padrão acentual, que passa a paroxítono.

O processo de apagamento da vogal postônica medial é investigado sob diversas perspectivas teóricas. Neste trabalho, partimos da conjugação da Geolinguística, à semelhança do trabalho de Cardoso (2007), com a Teoria da Variação Laboviana.

Cardoso (2007:214) verifica, nas proparoxítonas documentadas em atlas que retratam a realidade linguística de cinco áreas geográficas – *Paraíba, Sergipe, Bahia, Minas Gerais e Paraná* – a produtividade do apagamento das vogais postônicas mediais. No referido trabalho, a autora ressalta que o resultado apresentado – a grande incidência de apagamento da vogal átona medial – tem de ser relativizado, uma vez que remete a usos linguísticos de indivíduos que atendem ao perfil de uma investigação geolinguística clássica: informantes situados fora dos contextos urbanos, de baixa ou nenhuma escolaridade.

Assim, este trabalho procura investigar, a partir da análise de vocábulos proparoxítonos catalogados em dois atlas cujo foco é a realidade linguística do Estado do Rio de Janeiro – o *Atlas Fonético do Entorno da Baía da Guanabara* (Lima, 2006) e o *Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro* (Almeida, 2008) – e da análise da fala de informantes urbanos com ensino fundamental (Amostra Censo-80 do Projeto de Estudos sobre os Usos Lingüísticos - PEUL):

- a produtividade da síncope da vogal postônica não-final nos *corpora* considerados;
- a pressão do contexto fonológico adjacente no processo de apagamento da vogal postônica não-final;
- o papel de condicionamentos sociais (faixa etária e gênero do informante) na ocorrência do fenômeno.

## 1. Breve contextualização

A supressão da vogal postônica não-final é um fenômeno atuante desde o latim e ocorre, com bem assinala Nunes (1956: 66), de uma tendência geral da língua de “evitar os proparoxítonos”. Contudo, tal processo não se constitui como um fato restrito ao latim vulgar, uma vez que a língua clássica, ainda de acordo com Nunes (op. cit.) também apresentava ecos do processo (*saeculum* > *saeculum*, *calidus* > *calidus*, *viridis* > *viridis*). Já Williams (1961: 64) chama atenção ao fato de que o apagamento da vogal postônica não-final era fortemente influenciado pelo ambiente fonético adjacente à vogal, sendo que a presença das consoantes *l*, *m*, *n* e *r* favorecia a síncope da vogal postônica não-final.

No português arcaico (do século XII ao XIV), raras eram as palavras proparoxítonas, à exceção de vocábulos semi-eruditos pertencentes à liturgia, ao direito e à medicina. O movimento renascentista foi responsável pela re-introdução de alguns vocábulos proparoxítonos na língua portuguesa, sendo a maior parte dessas palavras empréstimos diretos do latim clássico e palavras emprestadas do vocabulário grego adaptadas ao latim.

No português contemporâneo, os vocábulos eruditos ainda constituem grande parte das palavras proparoxítonas. Em vocábulos de uso comum, como *árvore*, *óculos* e *ônibus*, se observa a queda de segmentos no interior da palavra, reduzindo-as a paroxítonas, o padrão acentual mais comum na língua portuguesa, resultando em formas como *arvre* (*arve*), *oclus* e *ombus*.

Desde o início do século XX têm-se observações de caráter linguístico acerca da regularização dos vocábulos proparoxítonos em paroxítonos. Esses registros, de uma maneira geral, estabelecem uma estreita relação entre a alta ocorrência do apagamento da vogal átona não-final a uma propriedade de variedades populares, sobretudo rurais. Tal postura é verificada, por exemplo, nas considerações que Amadeu Amaral (1920) e Mario Marroquim (1922) fazem, respectivamente, em *O Dialeto Caipira* e *A Língua do Nordeste*.

Entretanto, Antenor Nascentes (1922), no *Linguajar Carioca*, ao apontar fatos linguísticos característicos da variedade falada na cidade do Rio de Janeiro, também registra a ocorrência do processo de apagamento da vogal átona não-final. Assim, não é totalmente válido associar a síncope da vogal postônica não-final a uma propriedade restrita às variedades rurais.

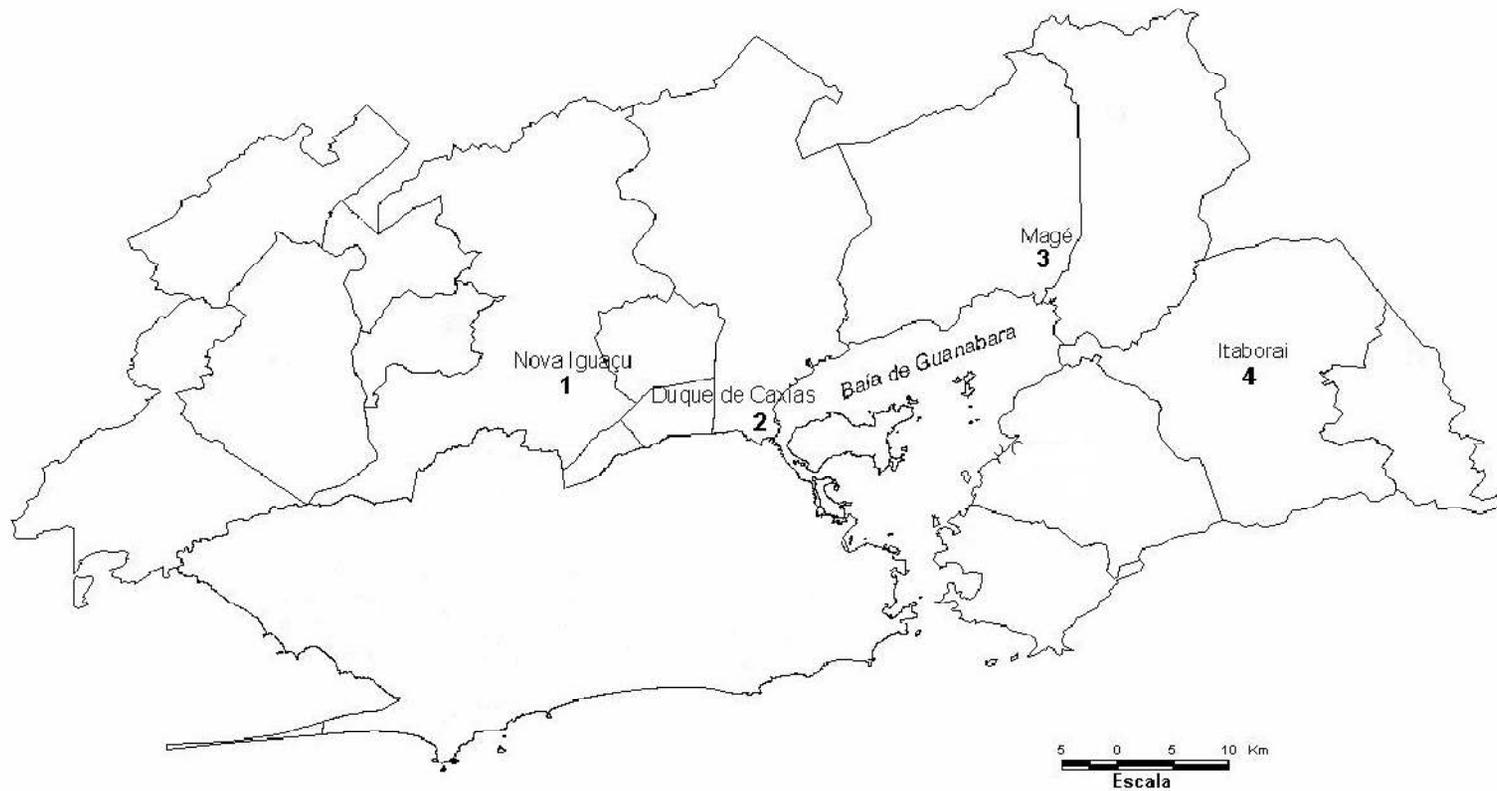
O que este trabalho procura investigar é se os condicionamentos linguísticos e sociais investigados atuariam uniformemente tanto na norma linguística do grande centro urbano quanto em normas de regiões mais afastadas da capital, ou se pressões de ordem geográficas conduziriam a diferenças na frequência de uso das formas proparoxítonas com o apagamento da vogal postônica não-final.

## 2. Amostra

O estudo foi feito a partir da análise de 2118 dados, extraídos de três *corpora* - dois atlas linguísticos e uma amostra de entrevistas - cujo objetivo é a observação da realidade linguística do Estado do Rio de Janeiro.

- (a) **Amostra Censo** – documenta a fala de informantes da cidade do Rio de Janeiro, cuja escolarização varia o primeiro ciclo do ensino fundamental até o ensino médio. 12 informantes (6 homens e 6 mulheres – somente com o nível fundamental).
- (b) **O Atlas Fonético do entorno da Baía da Guanabara (AFeBG)** – Lima (2006), a partir dos pressupostos da Geolinguística clássica – registra, através da aplicação de um questionário com 308 itens lexicais, os usos linguísticos de quatro municípios da zona metropolitana localizados nas margens da Baía da Guanabara (Nova Iguaçu, Duque de Caxiais, Magé e Itaboraí). 24 informantes (12 homens e 12 mulheres – 6 por ponto de inquérito).
- (c) **MicroAtlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro (MicroAFERJ)** – Almeida (2008), a partir dos pressupostos da Geolinguística clássica – registra, através da aplicação de um questionário com 308 itens lexicais, os usos linguísticos de doze municípios do Estado (5 em zonas litorâneas – São Francisco do Itabapoana, Quissamã, Cabo Frio, Itaguaí, Paraty; 7, no interior – Porciúncula, Santa Maria Madalena, Cantagalo, Cachoeiras de Macacu, Valença, Três Rios e Resende). 72 informantes (36 homens e 36 mulheres – 6 por ponto de inquérito).

# Pontos de Inquérito - AFeBG



## Pontos de Inquérito - MicroAFERJ



### 3. Hipóteses

- Tanto na amostra sociolinguística quanto nos atlas, o apagamento da vogal postônica não-final seria mais frequente nos contextos em que é possível a ressilabificação da consoante que acompanha a vogal – seja através da anexação à coda da sílaba tônica (*cócegas* > *cosca*), seja através da criação de um onset complexo na sílaba átona final (*abóbora* > *abóbra*);
- haverá muito mais semelhanças, no que diz respeito à frequência do processo de apagamento e à atuação dos parâmetros sociais, entre os resultados verificados na amostra sociolinguística e os dados extraídos do *Atlas Fonético do entorno da Baía da Guanabara*, uma vez que ambos se tratam de recortes, resguardadas as questões metodológicas, de usos linguísticos da área metropolitana do Estado;

- a incidência do processo de apagamento da vogal postônica não-final será maior nas faixas etárias mais altas;
- os informantes masculinos, nos três *corpora* considerados, a apagam a vogal postônica não-final muito mais do que as mulheres.

## 4. Resultados

### (i) *Contextos adjacentes a vogal postônica não-final*

Parte-se do princípio de que a queda da vogal postônica não final seria mais frequente nos contextos em que a síncope da vogal favorece a ressilabificação da consoante que a acompanha. A hipótese é verificada a partir de metodologias diferentes, em virtude das características dos *corpora*.

*Tabela 1 – Amostra Censo: efeito do ponto de articulação da consoante precedente*

	APL/T	PR
<b>Alveolar (título)</b>	<b>56/309 = 18%</b>	<b>.60</b>
<b>Velar (óculos)</b>	<b>11/23 = 47%</b>	<b>.56</b>
<b>Labial (abóbora)</b>	<b>10/125 = 8%</b>	<b>.26</b>
<b>Palatal (tínhamos)</b>	<b>1/10 = 10%</b>	<b>.23</b>
<b>TOTAL</b>	<b>78/467 = 15%</b>	

Input: .063 Sig: .031

*Tabela 2– Amostra Censo: efeito do ponto de articulação da consoante seguinte*

	APL/T	PR
<b>Alveolar (círculo)</b>	<b>29/123 = 23%</b>	<b>.83</b>
<b>Labial (ônibus)</b>	<b>38/157 = 24%</b>	<b>.70</b>
<b>Velar (única)</b>	<b>5/207 = 2%</b>	<b>.16</b>
<b>TOTAL</b>	<b>72/495 = 15%</b>	

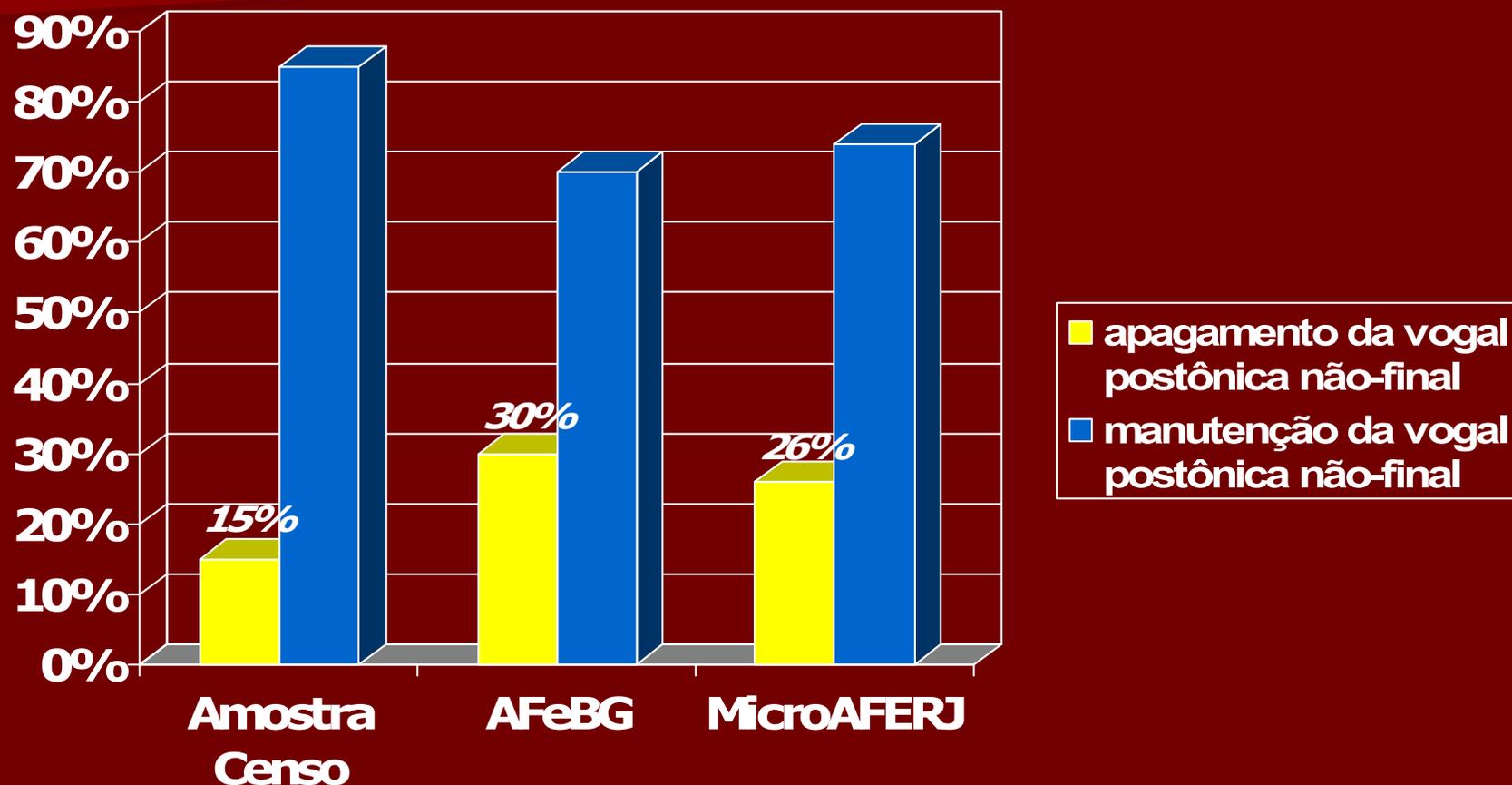
Input: .063 Sig: .031

*(ii) Índices gerais de apagamento da vogal postônica não-final*

Esperava-se uma proximidade dos índices percentuais para a ocorrência do processo de síncope da vogal átona não-final entre os dados extraídos da amostra sociolinguística (*Amostra Censo*) e os extraídos do atlas linguístico dos municípios do Grande Rio (*AFeBG*).

*Tabela 3 - PROPÁROXÍTONAS DOCUMENTADAS NOS ATLAS  
LINGUÍSTICOS.doc  
Índices gerais de apagamento*

*Gráfico 1 – apagamento vs. manutenção das vogais postônicas não-finais nos corpora analisados*



*(iii) Os informantes mais velhos tendem a apagar a vogal postônica não-final com maior frequência, se comparados aos informantes mais jovens*

*Tabela 4- Faixa Etária*

	Amostra Censo		AFeBG		MicroAFERJ	
18-35a.	2/47 = 4%	.11	35/130 = 26%	.45	67/407 = 16%	.33
36-55a.	30/212 = 14%	.46	25/134 = 18%	.30	125/412 = 30%	.56
Mais de 56 a.	46/236 = 19%	.63	58/129 = 44%	.74	131/411 = 31%	.60
TOTAL	78/495 = 15%		118/393 = 30%		323/1230 = 26%	
	Input: .063 Sig: .031		Input: .27 Sig: 0.000		Input: .18 Sig: 0.003	

*(iv) Os informantes do gênero masculino, nos três corpora analisados, tendem a apagar a vogal postônica não-final com maior frequência do que as mulheres.*

*Tabela 4- Gênero do Informante*

	Amostra Censo		AFeBG		MicroAFERJ	
homens	55/274 = 20%	.58	69/193 = 35%	.61	181/608 = 29%	.56
mulheres	23/221 = 10%	.39	49/200 = 24%	.39	142/622 = 22%	.44
TOTAL	78/495 = 15%		118 / 393 = 30%		323 / 1230 = 26%	
	Input: .063 Sig: .031		Input: .27 Sig. 0.000		Input: .18 Sig: 0.003	

## Considerações Finais

Os resultados, resguardadas as características de cada *corpus* considerado, nos permitem concluir que:

- O apagamento das vogais postônicas não-finais é condicionado, sobretudo, por questões de ordem linguística.
- na Amostra Censo, fica comprovada a força dos contextos fonológicos adjacentes à vogal postônica não-final. Há um favorecimento da aplicação da regra nos contextos em que a queda do segmento vocálico dá origem a um ataque complexo na sílaba átona.

- nos atlas, observamos também a força dos condicionamentos linguísticos, já que a maior taxa de apagamento ocorre em um item lexical em que a queda da vogal postônica não-final leva a consoante que a acompanha a se fixar na coda da sílaba tônica (*cócega* > *cosca*) e nos itens lexicais em que o apagamento cria encontros consonantais nas sílabas átonas finais (*fósforo* > *fosfru*, *óculos* > *oclus* , *máscara* > *mascra*, *abóbora* > *abobra*, *árvore* > *arvre*, *utero* > *utru*, *utri*).

- Apesar das diferenças percentuais na ocorrência do fenômeno, verificou-se, nas amostras analisadas, uma uniformidade na atuação dos condicionamentos sociais:
  - A faixa etária mais alta aplica com maior frequência a regra de apagamento da vogal postônica não-final;
  - Os homens apagam mais as vogais átonas não finais.

## *Referências Bibliográficas*

ALMEIDA, Fabiana da Silva Campos. (2008). *MicroAtlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro: uma contribuição para o conhecimento dos falares fluminenses*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa.

AMARAL, Marisa Porto do. (2002). A síncope em proparoxítonas: uma regra variável. In: BISOL, Leda e BRESCANCINI, Cláudia. *Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS. 99-125.

ARAGÃO, Maria do Socorro de. Aspectos fonéticos das proparoxítonas no falar de Fortaleza. *Anais. II Congresso Internacional da ABRALIN*. Florianópolis: UFSC, fev.1999.

ARAÚJO, Gabriel Antunes de *et. al.* (2007). As proparoxítonas e o sistema acentual do português. In: \_\_\_\_\_. (org.). *O acento em português: abordagens fonológicas*. São Paulo: Parábola. p. 37-60.

CAIXETA, Valmir (1989). *Descrição e análise da redução das palavras proparoxítonas*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado em Lingüística.

CARDOSO, Suzana Marcelino. (2007). O apagamento das postônicas não-finais: um fenômeno atemporal e atópico? In: Castilho, A.; Torres Morais, M. A.; Lopes, R.; Cyrino, S. *Descrição, história e aquisição*. São Paulo : Fontes / FAPESP: 207-215.

GOMES, Danielle Kely. (2007). *Síncope em proparoxítonas: um estudo piloto sobre o português falado no Rio de Janeiro*. Comunicação apresentada ao Simpósio sobre as Vogais (SIS-Vogais). João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, 15-17 nov.

LIMA, Luciana Gomes. (2006). *Atlas Fonético do entorno da Baía da Guanabara*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa.

LIMA, Giselly de Oliveira. (2008). *O efeito da síncope em proparoxítonas: uma análise fonológica e variacionista com dados do sudoeste goiano*. Uberlândia: UFU. Dissertação de Mestrado em Linguística.

NUNES, J.J. (1956). *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. 5.ed. Lisboa: Clássica

SILVA, André Pedro. (2006). *Supressão da vogal átona postônica não-final: uma tendência das proparoxítonas na língua portuguesa com evidências no falar sapeense*. João Pessoa: UFPB. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa.

WILLIAMS, Edwin. (1961). *Do latim ao português*. Trad. de Antonio Houaiss. Rio de Janeiro: MEC/INL.